

# O paradoxo da nacional excelência



JOAQUIM CUNHA\*

> A necessidade de empresas de qualidade e de empresários de excelência continua na ordem do dia. Políticos e gestores de empresas que gravitam à volta do Estado, habituaram-nos a aulas sobre este tema. Mal habituado a chavões, lembro-me sempre duma excelente empresa com que, em tempos, colaborei. Chamava-se Darcozi, e era uma fábrica modelo de cozinhas. Tão modelar que no início da década de 90 foi a primeira e única empresa do sector a obter certificação de qualidade. Tão excelente que viria a falir. Apesar da qualidade diriam uns. Precisamente por isso, guardei até hoje para mim. A qualidade e a excelência produtiva custavam mais do que o mercado estava disposto a pagar. E recentraram em objectivos errados as preocupações da gerência e dos sócios.

O "Compromisso" saído do Beato e as declarações de Jorge Sampaio na Noruega voltaram a tocar na tecla do modelo económico. Este voltou a um dos seus discursos-tipo, o de termos empresas de qualidade que não se baseiem em baixos salários.

Mas um país de qualidade paga-se caro. Muitas empresas, preocupadas com certificações de quali-

dade, ambientais, licenças industriais ou ambientais desvalorizaram a sua competitividade internacional e atravessam hoje problemas graves. Como a Darcozi. O problema é que se orientou a estratégia da economia para uma qualidade e para o cumprimento de regras que, em muitos casos, retiraram competitividade às empresas e aos seus produtos.

Não vou reportar-me ao primeiro ou segundo quadros comunitários de apoio. Basta analisarmos aquele em que nos encontramos. No Programa Operacional de Economia, verificamos que por via da cenoura do dinheiro barato se induziram metas e objectivos desajustados. Obrigava-se as empresas a cumprirem metas de qualidade e ambiente, no mínimo, absurdas, pois os apoios dependiam da intensidade de investimento nessas áreas. As empresas, mesmo as de micro e pequena dimensão, eram obrigadas a investir nestas áreas. O resultado foi simples: muitas delas conseguiram com esses investimentos não aumentar a sua competitividade, mas destruir valor, tornando-se mais débeis e menos capazes de enfrentar a concorrência.

Este corolário foi aliás confirmado em estudo informal levado a cabo pela tutela, revelando que uma esmagadora maioria das empresas com investimentos apoiados, perdia valor com os projectos desenvolvidos. Para os analistas habituais, isso revelaria apenas miopia empresarial. A função de distorção e desorientação do Estado, como indutor de estratégias empresariais erradas, seria com certeza branqueada. Como aliás sempre o é, quando o tema se discute nos média.

A qualidade e a excelência revelam um paradoxo

que se vive na nossa economia. Encontram-se muitas empresas, modelares em termos da sua certificação de qualidade e ambiente, plenas cumpridoras da legislação nacional ou comunitária. Que por isso mesmo, são muito menos flexíveis, têm custos fixos mais elevados, e não podem competir com produtos oriundos de empresas de fora da União, sejam do Leste ou da Ásia. Produtos que não cumprindo os mesmos padrões de qualidade conseguem em preço bater as produções nacionais. E o preço, ao contrário de alarvidades mediáticas, foi, é e há-de ser sempre importante. Ou seja, empresa para a qual o preço não conte, está morta e ainda não sabe.

Falar em excelência na gestão é fácil. Ainda mais se se vive à sombra de concursos, nomeações ou protecções públicas, como é o caso de muitos gestores da moda. Exigir empresas de qualidade é simples.

Difícil mesmo, é no dia-a-dia aplicar, empresa a empresa, estas máximas. Preocupante é mesmo que quem apregoa estes chavões não se aperceba do óbvio. Querer só empresas de qualidade e de excelência implica assumir uma taxa de desemprego superior a 20%. Sem alternativas de colocação para centenas de milhar de empregados desprovidos das qualificações mínimas. Veríamos então a consistência de quem vende ideias fáceis à custa de realidades difíceis e de actores silenciosos. Porque felizmente para o país têm mais que fazer.

\* Presidente da PME-Portugal  
presidente@pmeportugal.com.pt